



Biograph



ESCUTAR, DIALOGAR E REGISTRAR PARA EMPODERAR A CRIANÇA: BREVE RELATO DO PROJETO LUZ, CAMÊRA, PEQUENOS INVENTORES EM AÇÃO.

Penha Mabel Farias do Nascimento

UMEI Professora Lisaura Machado Ruas

penhamabel@gmail.com

O presente relato de experiência se concentra, sobretudo, em narrar algumas das ações pedagógicas que visaram construir um espaço/tempo de autoria (e transgressão) capaz de romper com o olhar de “devir” sobre a infância e desconstruir as práticas subsequentes que condicionam a criança a um lugar de invisibilidade. Um olhar de devir que enxerga a infância como lugar de “semeadura”, “preparação”, uma “incubadora de indivíduos” segundo as necessidades de uma sociedade e seus projetos sociais, políticos e econômicos. É nesse contexto que a Equipe de Articulação Pedagógica/EAP (Direção e Pedagoga¹) e os professores da Unidade Municipal de Educação Infantil Professora Lisaura Machado Ruas, localizada no Morro da Cocada (Badu/Nirerói/R.J.), elaboraram e desenvolveram o “Projeto Luz, Câmera, Pequenos Inventores em Ação” em 2015. Este registro enfoca as ações político-pedagógicas desenvolvidas com as crianças de 2, 3, 4 e 5 anos, em especial, a atividade denominada como “Conversas sobre Astronomia”.

Desafiados, nossas primeiras perguntas foram: como aproximar nossas crianças e suas experiências de vida dos conhecimentos/experimentos científicos sobre a luz? O que, de fato, era real e significativo para cada uma delas enquanto sujeitos cognoscentes? Quais vivências poderiam tornar estranho (inquietante/problematizador) o que lhes era familiar?

A princípio, em nossa reunião de formação continuada (quarta-feira à tarde das 15:00 às 17:00), discutimos quais seriam os caminhos a seguir a partir das observações do

¹ É quem relata as ações pedagógicas discutidas e construídas coletivamente e, por isso, fizemos a opção de utilizar o verbo na terceira pessoa do plural.

corpo (em movimento), da escuta e do diálogo que já travávamos, comumente, com as crianças. Ao mesmo tempo em que refletíamos, desenhávamos estes caminhos (como diferentes roteiros de viagem), traçando nossas redes antecipatórias (HELM & BENEKE², apud CORSINO, 2009, p.109) mesmo compreendendo que tais redes, de cada turma, seriam revisitadas na busca da aproximação entre o objeto de estudo (a luz) e os sujeitos (crianças e adultos) que buscavam conhecer. A rede antecipatória é um esquema que possui uma temática central que se liga a outros subtemas.

Como um dos pilares que norteiam nossas escolhas e fazeres é o trabalho com projetos, consideramos o protagonismo da criança em consonância com o protagonismo dos educadores (e de toda comunidade escolar) como essencial para o planejamento, execução, acompanhamento e avaliação do projeto citado. A escola passa a ser um lugar de busca, “(...) Lugar onde as diferentes linguagens assumem grande importância, pois são as ferramentas necessárias para se ler, entender, interpretar e dizer o mundo”. (CORSINO, 2009, p. 105). E como caminhar em direção a autoria das crianças, se não tivermos o mesmo olhar para a equipe docente? Como pedir que o educador estabeleça uma relação de alteridade com o educando, se ele mesmo não se vê como sujeito do processo de construção do conhecimento?

Como parte desta discussão, acreditamos como Ostetto & Leite (2004), Guimarães & Barbosa (2016), entre outros pesquisadores, em uma formação que abarque também a cultura, a política, a ética e a estética como aprendizados necessários para a construção de um olhar sensível e problematizador.

Nesse sentido, na UMEI Lisaura Ruas pensamos as ações pedagógicas voltadas às crianças atreladas a formação continuada de nossos professores. Assim, tivemos a oportunidade de concretizar situações de aprendizagens em que o professor se vê como autor de sua própria trajetória de formação em serviço que não cessa e que vive (partilha) coletivamente.

Diante do desafio de desenvolver atividades que envolvesse conceitos científicos sobre a luz, foi organizada pela EAP e professores uma oficina de experiências

² HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. O poder dos projetos: novas estratégias e soluções para a educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2005.

com a luz (natural ou artificial) que pudessem ser feitas com e pelas crianças. Os professores selecionaram as experiências, testaram e compartilharam suas descobertas (tentativas, erros, acertos e conclusões) em um dia de planejamento e formação continuada. Em outro momento, visitamos o Planetário da Gávea e participamos de uma formação no Museu de Astronomia/MAST (Rio de Janeiro).

Com as crianças, inicialmente, organizamos um encontro que chamamos de “Conversas sobre Astronomia” entre um amante da astronomia, o professor Marco Antônio³ Vieira, e as turmas de 2, 3, 4 e 5 anos. As turmas envolvidas já faziam: a observação do sol, como luz natural, dentro e fora dos espaços da escola (como a luz solar circulava nestes espaços dependendo do horário, como a luz projetava sombras dependendo da direção e dos objetos a sua frente e como se poderia fazer registros destas sombras através dos desenhos), observação do céu durante o dia, à noite com a ajuda dos responsáveis, viram diferentes vídeos, animações, ouviram histórias e a dramatização de uma lenda esquimó sobre a origem do sol e da lua. Tais atividades instigaram cada vez mais o interesse das crianças, o que possibilitou a problematização do tema junto às mesmas, favorecendo a escuta e registro (feito pelos professores na “roda de conversas”) de questionamentos de cada turma durante essas situações educativas mencionadas acima. Surgiram, então, nas turmas das crianças de 3, 4 e 5 questões⁴ como: “–*Que cor é a lua? Tem lua cadente? –A luz da lua é branca? –A lua é longe da minha casa? –Por que a lua é uma bola? –Na lua tem bichinhos? –Como se vai à lua? –De dia não tem estrela por quê? –A estrela cai? –Quero saber como é a estrela? Todas as estrelas são verdes e amarelas? –O rabo da estrela cadente é de pisca-pisca? –A estrela é da cor do arco-íris? –A estrela brilha? Como a estrelinha brilha? Como é o sol? –Quero saber do sol. O sol é grandão?*”

A partir das perguntas das turmas, o professor Marco Antônio organizou sua conversa com as crianças, apresentando as questões nos slides (Data Show) e mostrando fotos tiradas pelo telescópio Hubble. Durante a conversa, as crianças puderam, a todo o momento, perguntar para além do que já estava registrado nos slides, fazendo comentários que faziam alusão ao que viram e ouviram também de familiares. Uma criança citou que

³ Pedagogo, Historiador e Mestre em Educação.

⁴ Os professores procuraram registrar as perguntas das crianças, respeitando a linguagem das mesmas.

um irmão gostava de ler sobre as estrelas, o que o fez perguntar, em um dado momento, sobre meteorito. O que seria? É interessante observar, como a curiosidade das crianças levou a discussão no sentido de conhecer as características da lua, das estrelas e do sol. Perguntas feitas através de seus conhecimentos (crenças) fruto de suas percepções e vivências com estes elementos naturais no cotidiano dentro e fora da escola. Como fica evidente também nestas falas: “ – *Onde vou à lua me segue. Por que a lua me segue? _É Deus que faz a lua ficar branca?*”

E é através da escuta e da observação (do olhar) sensível das crianças (de como pensam e sentem o mundo) que também nos inquietamos, fazendo perguntas para nós mesmos. O que elas querem conhecer? Quais as relações que estabelecem durante o aprendizado? O que seus gestos, palavras, expressões faciais e corporais nos dizem? Deste modo, se de fato escutamos, “–*O lápis amarelo é da cor do sol. Sol é fogo?*”, percebemos que a criança ao conhecer busca elementos do seu cotidiano para aprender, para se apropriar do objeto a ser conhecido. É preciso afirmar aqui também, a estreita relação entre a observação e a escuta que “(...) acolhe uma dimensão existindo em potência, aquilo impossível de ser captado no momento pelo olhar, mas ali presente.” (SIMIANO, 2015)

O que se vai enfatizando, ao escutar e dialogar, é a valorização do outro, das suas dúvidas, hipóteses, concordâncias, divergências, silêncios e criações. É ter visibilidade, extrapolar o idealizado, o que se quer ver no outro, para enfim nos aproximarmos dos contornos reais da pessoa.

Observamos que as crianças maiores ao ouvirem dos professores quais perguntas gostariam de fazer ao professor Marco Antônio quando ele estivesse conosco, organizaram, por meio da oralidade, questões. Já as crianças de dois anos, fizeram comentários como podemos ler a seguir. “–*A casa dela é lá longe. A estrela foi embora para casa dela; – A estrela sobe lá em cima do morrão, céu. No céu tem estrelas; – O sol não tem pé. Eu gosto do sol. Sol não vua, ele anda e vi ele andar. O sol amarelo. Ele tem olho, nariz*”. As hipóteses levantadas sobre a ausência da estrela enquanto é dia, horário da escola, são visíveis na primeira colocação. Posteriormente, uma criança faz referência à proximidade de outro morro, além do “Morro da Cocada” (onde estuda) ao observar o sol. A outra, ao observar a fotografia do sol tirada pelo telescópio Hubble faz comentários

diferenciando o desenho que a professora mostrou, em sala, e a foto do sol. Por isso a conclusão “ *o sol não tem pé!*”. O que fez a professora repensar as imagens que mostraria para as crianças nas próximas atividades. Os questionamentos e os comentários foram utilizados pelos professores em reunião de planejamento e formação continuada como material para discussão e tomada de decisões pedagógicas.



Logo após a conversa, às crianças puderam conhecer um telescópio e uma luneta, além de poderem ver as fases da lua através de uma luminária que possuía o formato deste corpo celeste e se iluminava aos poucos reproduzindo tais fases. Ainda como parte do projeto, no decorrer do ano, as crianças realizaram experiências com seus professores que envolviam a luz e também puderam visitar o planetário itinerante do MAST que veio até a escola no dia de nossa I Feira de Ciências aberta a visitação de pais e toda a comunidade local.

Por último, e não para concluir, não nos sai da cabeça a frase de Manuel de Barros (2003), “Tudo o que não invento é falso”, como é para nossas crianças tudo que lhe é imposto, que ignora sua capacidade inerente e incessante de conhecer, criar, resistir, subverter e mostrar outras facetas de um mesmo mundo. Aquilo que lhe atrai o olhar e lhe aguça o desejo de intervir. Que sejamos capazes de permitir que as crianças exercitem seu “devir criancieiro” (CORAZZA⁵, apud KOHAN, 2004, p. 61) que transforma, atua e não se aliena do seu contexto. E por isso, entendemos que estamos só começando neste grande desafio de empoderar a criança.

Bibliografia:

⁵ CORAZZA, S. Metainfanciaofísica 1: a criança e o infantil, 2004. Mimeo

BARROS, Manuel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

BRASIL. Projeto Instituinte da UMEI Professora Lisaura Machado Ruas. Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia/FME. 2015.

CORSINO, Patrícia et al. *Educação infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. BARBOSA, Silva Néli Falcão. A visibilidade e a invisibilidade das crianças nas relações com os adultos na creche. Disponível em: <<http://criancaeasuaescolarizacao.blogpost.com.br/2009/07/visibilidade-e-invisibilidadesdas.Html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

KOHAN, Walter et al. *Lugares da infância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OSTETTO, Luciana; LEITE, Isabel. *Arte, infância de formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SIMIANO, Luciane Pandini. *Colecionando pequenos encantamentos... A documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças pequenas*. Porto Alegre, 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do RIO grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117784>>. Acesso: 20 mar 2016.